

Deus, a surpreendente novidade que transforma.

“E aquele que está assentado no trono disse: Eis que faço novas todas as coisas” (Ap 21, 5).

Há alguns anos estou como coordenador do MEJ (Movimento Eucarístico Jovem), um dos grupos de perseverança de crianças e adolescentes da nossa paróquia. E como qualquer pessoa responsável pela condução e orientação de um grupo, sempre ao iniciar um novo ano, faço em grupo uma análise crítica do que aconteceu no ano anterior, ressaltando os pontos positivos e o que precisa ser modificado para o novo trabalho que irá começar. A partir dessa análise e da nova realidade do grupo, planeja-se a equipe que estará conosco neste trabalho, todas as atividades, temas, encontros,... enfim, tudo o que irá acontecer.

Com o decorrer do ano, inevitavelmente, todo o planejamento, as metas e a equipe idealizados no início do ano sofrem mudanças e precisam ser reavaliados por diversas razões. Vários fatores novos e inesperados acontecem durante a caminhada, que são impossíveis de serem previstos e nos “obrigam” a mudar a direção, a reavaliar toda a situação e a visualizar novas possibilidades impensáveis anteriormente. Esse novo inesperado nos tira do trilho da segurança aparente, que nossos planejamentos parecem oferecer, e nos lançam para o impensável, para a novidade.

Claro que planejarmos o que vamos fazer, traçar metas, é importante não somente para um trabalho pastoral, como também para a nossa vida. Mas ao valorizarmos demais o que planejamos, corremos o perigo de ficarmos fechados apenas ao que idealizamos, rejeitando o novo que está por vir.

Porém, se pararmos para analisar a história judaico-cristã narrada na Bíblia e a caminhada da Igreja ao longo do tempo, percebemos que as revelações de Deus aconteceram justamente no âmbito do novo e do impensável. Jesus é o maior exemplo desse fato.

Para uma cultura onde a visão de Deus, era um Deus distante, onde nem era possível pronunciar seu nome, falar de um Deus que se faz homem como nós, que se pode tocar, conversar, comer e caminhar junto, era realmente um absurdo, uma blasfema. Um Deus que se encarna, morre na cruz e ressuscita era algo inaceitável, sobretudo para aqueles que estavam fechados no conservadorismo religioso. Mas é justamente nessa novidade reveladora que somos capazes de fazer a experiência mais autêntica, profunda e libertadora de Deus. Tal novidade do Deus Uno e Trino, do Deus que se fez homem, é tão esplêndida, tão profunda, que creio que ainda hoje não fomos capazes de vivenciar todas as consequências práticas que esta verdade libertadora nos traz.

O Reino de Deus apresentado por Jesus, narrado nas parábolas pelos evangelhos, é um reino onde os mais fracos, os excluídos, tinham prioridades, era extremamente novo para a época. A liberdade de Jesus perante a lei e o templo, a forma de se comunicar com Deus chamando-o de *Abba* (paizinho), de viver e de amar o próximo (não excluía ninguém: leprosos, prostitutas, ...) era uma novidade jamais vivida antes por ninguém.

Assim também acontece conosco em relação a nossa fé e sua vivência. Muitas vezes, por receio de se abrir ao novo, ao que a novidade nos impulsiona, nos agarramos com todas as forças ao conservadorismo, prendendo-se a expressões culturais antigas, não se abrindo às novas necessidades culturais e às novas formas de comunicar a mesma intencionalidade profunda das mensagens evangélicas. E desta forma, não somos capazes nem de nos aprofundar na vivência da fé e nem de comunicar ao próximo esta mensagem.

Eu não digo que devemos abrir mão do núcleo dos evangelhos, da sua mensagem mais profunda, da sua intencionalidade profunda, porque esta é imutável. Assim como Jesus também não veio abolir às leis, mas veio resgatar a sua essência e dar-lhe o seu devido valor e sentido (“O sábado foi feito para o homem, e não o homem para o sábado” – Mc 2, 27), assim também devemos fazer.

Enveredar-se por esse caminho da novidade é um processo que pode causar insegurança, instabilidade, e, por vezes, é cansativo, assim como replanejar as nossas metas. Mas é justamente nesse caminho, da liberdade nova e criativa, que nos possibilitaremos vivenciar experiências profundas, transformadoras e salvíficas do amor de Deus. Do Deus que se revela sempre uma constante novidade, movendo-nos para fora do comodismo, do óbvio e do conservadorismo. Do Deus que faz novas todas as coisas sempre. Do Deus da novidade libertadora.

Que esta disponibilidade ao novo seja uma marca e esteja cada vez mais constante nas nossas vidas. Deixemos de lado a nossa pré-disposição de recusar o novo e vamos nos permitir trilhar o caminho inusitado que nos espera. Vamos vivenciar as experiências inovadoras que a fé nos conduz. Vamos fazer essa experiência não somente no campo religioso, mas também na nossa vida como um todo. Vamos nos permitir a possibilidade de nos encontrarmos com o novo, o dinâmico e o inusitado. Que esta pré-disposição ao novo pode trazer gratas surpresas e ser uma fonte reveladora e transformadora de Deus na nossa vida. Lancemo-nos com mais confiantes nesse amor de Deus que a cada dia se entrega de forma única e inédita, basta termos a coragem de irmos em sua direção.

Leonardo Núñez de M Reis  
Bacharelado em Teologia na PUC-Rio  
*leonardo.reis@gmail.com*